

# O ESPECTRO DO SILÊNCIO NA DINÂMICA FAMILIAR À LUZ DO FILME *O VAZIO DO DOMINGO*

# 6

## THE SPECTER OF SILENCE IN FAMILY DYNAMICS IN THE LIGHT OF THE MOVIE “SUNDAY’S ILLNESS”

### **OLIVEIRA, Laura Souza Eletherio de**

Mestranda em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio);  
Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

E-mail: [laura.s.eletherio@gmail.com](mailto:laura.s.eletherio@gmail.com)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4567-6584>

### **MACHADO, Rebeca Nonato**

Doutora em Psicologia Clínica, pela PUC-Rio (2014), com Pós-Doutorado pela mesma Universidade (2014-2017). Mestre em Psicologia Clínica, PUC-Rio (2010) e Especialista em Psicoterapia de Família e Casal (2007). Graduação em Psicologia, pela PUC-Rio (2004).

Professora Assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, atuando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica; Professora e Supervisora do curso de especialização em Psicoterapia de Família e Casal do CCE (PUC-Rio).

E-mail: [recanm@gmail.com](mailto:recanm@gmail.com)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9465-1570>

## **RESUMO**

No contexto da psicoterapia de família, a investigação sobre a comunicação é uma dimensão crucial para o entendimento da dinâmica familiar. As interações familiares são permeadas de mensagens verbais e afetos, representados por experiências de silêncio que estabelecem sentidos singulares na convivência íntima entre os membros. Diante da complexidade do fenômeno do silêncio nas interações humanas, este estudo tem como objetivo refletir os significados variados e os desdobramentos do silêncio na interação familiar, a partir da revisão de literatura no campo da psicoterapia de família, em suas abordagens sistêmicas e psicanalíticas. Para complementar a discussão, analisamos o filme “O Vazio do Domingo” (2018), utilizando o método análise temática a fim de ilustrarmos o espectro do silêncio. Refletiu-se que existe um silêncio na interação do grupo familiar de caráter repousante, desvelando o ápice da intimidade amorosa humana. Por outro lado, também há o silêncio que evidencia a perturbação dos vínculos e afetos,

manifestando uma experiência emocional conflituosa, favorecendo a manutenção de um sofrimento compartilhado insuportável de ser vivenciado e representado.

**Palavras-chave:** Silêncio; comunicação; interação familiar; segredo.

## **ABSTRACT**

In the context of family psychotherapy, research on communication is a crucial dimension for understanding family dynamics. Family interactions are permeated by verbal messages, however, they are also composed of silence experiences that establish unique meanings in the intimate coexistence among members. Before the complexity of the phenomenon of silence in human interactions, this study aims to reflect the varied meanings and ramifications of silence in family interaction, based on a literature review in the family psychotherapy field, in its systemic and psychoanalytic approaches. Adding to the discussion, we analyzed the movie "Sunday's Illness" (2018), using the content analysis method, in order to illustrate the spectrum of silence. We realized that there is silence in the interaction of the restful family group, revealing the apex of human intimacy. On the other hand, there is also the silence that evidences the disturbance of bonds, which actually offers an emotional experience of deafening noises, favoring the maintenance of shared suffering that is unbearable to be experienced and representable.

**Keywords:** Silence; communication; family interaction; secret.

## **UM INÍCIO, UMA PANDEMIA**

No contexto da psicoterapia de família, a investigação sobre a comunicação familiar é uma dimensão crucial para o entendimento da dinâmica entre os membros. Neste campo de tratamento, desde os primórdios de sua prática, evidenciou-se que qualquer comunicação humana implica em um compromisso entre os sujeitos na interação íntima, sendo ela composta por uma trama de expressões verbais e não verbais, além dos conteúdos afetivos conscientes e inconscientes. Portanto, a comunicação na família trata de um tecido complexo de trocas na experiência compartilhada entre os membros da família, que precisa igualmente de uma compreensão multifacetada dos elementos que a compõe.

Os pesquisadores pioneiros na área de psicoterapia familiar partiram da Teoria da Comunicação para compreenderem a dinâmica e o sofrimento compartilhado entre os membros. As primeiras postulações, encontradas no livro “Pragmática da comunicação humana” (WATZLAWICK, BEAVIN & JACKSON, 1967), apontam para a problemática das interações familiares, em seu caráter promotor de saúde e patológico. Os referidos autores dedicaram-se inicialmente a estudar a comunicação de forma abrangente, aprofundando a compreensão de seus paradoxos. Como um dos resultados de pesquisa, identificaram que não havia possibilidade de mensagens humanas simples. Pelo contrário, toda comunicação, sobretudo no meio familiar, era permeada pela complexidade de elementos enviados e recebidos através de canais verbais e não-verbais (CALIL, 1987).

Watzlawick et al. (1967) discutiram as propriedades básicas da comunicação pautadas na natureza de cinco axiomas. Neste trabalho, é relevante apresentar os dois primeiros. O primeiro axioma refere-se à impossibilidade de negar a comunicação face à experiência de interação humana. Nesse sentido, todo comportamento, em situação interacional, ganha um valor de mensagem. Por mais que um sujeito se negue a comunicar algo sempre produzirá algum tipo de mensagem para alguém que o acompanha. Isto se estende às atividades como palavras, silêncios, prosódia, gestos e postura corporal. Por mais que alguém negue ao outro a possibilidade de responder ou de interpretar uma mensagem, haverá sempre uma transmissão de sentido implícita, despertando um efeito e impacto na interação.

O segundo axioma, de acordo com Watzlawick et al. (1976), corresponde à presença de dois níveis interdependentes na comunicação: o conteúdo e a relação, sendo que toda informação contida no nível do conteúdo dependerá do contexto relacional para ser interpretada. Assim, quanto mais genuína for a relação, o fator relacional permanecerá como pano de fundo no processo de entendimento do conteúdo. É possível identificarmos isto em situações de interação que despertam interpretações discrepantes entre os membros da família sobre um mesmo fato, quando o nível relacional é predominantemente permeado de conflitos e não ditos.

O silêncio quando pensado como uma tentativa de renúncia à comunicação, cria uma forma de mensagem que desperta reações e interpretações frágeis em uma função compreensiva, formando um possível ciclo de retroalimentação de entraves e mal-entendidos na

interação. Isto faz pensar que a faceta do silêncio promotor de saúde na família depende de um nível relacional predominantemente amoroso, íntimo, patrocinado por um funcionamento intersubjetivo que viabiliza a metacomunicação (a capacidade de falar sobre a comunicação). Desse modo, ressalta-se a ideia de que o ato de comunicação tem duas responsabilidades: a da transmissão da informação e a evidenciação da qualidade afetiva relacional.

Andolfi (1991) salienta a importância de o psicoterapeuta escutar a família considerando os múltiplos elementos que constituem a interação, justamente porque as mensagens provocam desdobramentos obscuros à metacomunicação. Ao considerar os gestos, a prosódia e cadência das próprias palavras é possível compreender que tais dimensões têm raízes em períodos mais arcaicos da comunicação no desenvolvimento.

O espectro do silêncio que permeia a dinâmica familiar, muitas vezes é vivenciado pelos membros como uma falha ou fracasso da comunicação. À vista disso, gera a sensação de ser impossível interpretar o silêncio, principalmente quando há vulnerabilidades na percepção do eu da mensagem do não-eu, na temporalidade da mensagem e na percepção do princípio de realidade, tornando muitas vezes o silêncio um fenômeno interacional insuportável e devastador (FÉRES-CARNEIRO, T., MELLO, R., MACHADO, R. N & MAGALHÃES, A. S, 2017).

Nesse sentido, a falha na comunicação costuma se apresentar como uma queixa na demanda de tratamento de psicoterapêutico de família. Tal fenômeno da comunicação evidencia falhas na constituição de um aparelho psíquico familiar pensante, abrangendo funções de simbolização primária, correspondendo aos aspectos não representados das experiências emocionais (FÉRES-CARNEIRO et al., 2017). A complexidade do espectro do silêncio compõe um caráter esfíngico do silêncio, que pode ser promotor ou não promotor de saúde emocional da família, temática esta que pretendeu-se discutir neste trabalho.

Diante de tais questões, este artigo teve como objetivo refletir sobre significados variados do silêncio na interação familiar. Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura no campo da psicoterapia de família em suas abordagens sistêmicas e psicanalíticas, enfocando as temáticas sobre a construção da subjetividade e a transmissão psíquica do não-dito. Em seguida, foram desenvolvidas algumas considerações a partir de uma análise clínica sobre o silêncio em seu espectro na dinâmica familiar à luz do filme “Vazio de domingo” (2018), dirigido por Ramón Salázar. Foi utilizada a metodologia análise de temática (PENAFRIA, 2009; BRAUN &

CLARKE, 2006). A aplicação deste método implica no resumo da história e, em seguida, a decomposição de suas partes considerando o que emerge do filme acerca da temática do silêncio na dinâmica familiar, buscando elaborar uma discussão com a fundamentação teórica explanada.

A referida película narra a história de Chiara, uma mulher de 43 anos que foi abandonada pela mãe aos oito anos de idade. Após 35 anos, Chiara forja um reencontro com a mãe, disfarçando-se de garçonne em um jantar na casa de Anabel, que se tornou muito poderosa após casar-se com um empresário milionário. A proposta de Chiara choca a todos: não deseja tornar-se herdeira da fortuna e tampouco ser reconhecida como filha. Chiara, cujo nome só é mencionado no meio da narrativa, como sinal de que somente aos poucos foi possível estabelecer algum contorno de intimidade com Anabel, e talvez para ela mesma, almeja apenas ter a companhia de sua mãe por um período de dez dias.

### **CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE A PARTIR DO SILÊNCIO**

Winnicott (1983) pontua que diversos tipos de comunicação acontecem desde o início da vida do sujeito. Durante as fases iniciais do desenvolvimento do ser humano, a comunicação silenciosa se relaciona com o aspecto subjetivo do objeto. Dessa maneira, a comunicação é estabelecida conforme o ambiente se apresenta como suficientemente bom e atento às necessidades mais primitivas do bebê desde as gratificações instintivas até a viabilização de falhas que sejam suportáveis de serem vivenciadas pela criança.

Dentre as aquisições dessa interação primitiva está a capacidade de ficar só, que de acordo com Winnicott (1983), é um fenômeno altamente sofisticado a ser alcançado no desenvolvimento emocional da criança, após o estabelecimento das relações primárias. Tal capacidade se torna a base sobre a qual a solidão sofisticada se constrói e representa a constituição do eu. Para alcançar o amadurecimento dessa capacidade, é necessário vivenciar o paradoxo: a experiência inicial de solidão sustentada na dependência, ou seja, na presença implicada e reservada de alguém cuidador (FIGUEIREDO, 2009).

Essa relação especial entre mãe e bebê é denominada pela expressão “ligado ao ego”, pois refere-se à relação entre duas pessoas onde uma delas (ou ambas) estarão sós, porém na presença do outro que é importante igualmente para as duas partes. Essa experiência somente é alcançada na presença do outro, o que configura uma relação singular “ligada a um ego auxiliar” (WINNICOTT, 1983). Assim, a criança

pode internalizar a presença ao conseguir experimentar a si mesma na solidão acompanhada. O autor assinala que, somente quando a criança está só na presença do outro, ela pode constituir seu verdadeiro self (WINNICOTT, 1983).

Sob este prisma, é possível compreender a comunicação a partir de seus opostos: “a não-comunicação simples” e a “não-comunicação ativa ou reativa”. No primeiro caso, ela é apresentada como o ato de repousar, afirma o autor: “É um estado com identidade própria” (WINNICOTT, 1983, p.167), referindo-se a estados de tranquilidade e de não integração, vividos pelo bebê com sua mãe.

Ao passo que o segundo modelo, “não-comunicação ativa”, emerge a partir das falhas graves do ambiente, sendo considerado em termos de patologia. Nesse contexto, o ambiente não pôde atender às necessidades do bebê, o que faz com que esse último recolha o núcleo do verdadeiro self, protegendo-se das invasões do ambiente, criando um falso self. Por consequência, o bebê não encontra um lugar seguro no ambiente e não pode desenvolver o seu verdadeiro self e o gesto espontâneo. Cabe ressaltar que a não-comunicação ativa pode ser encontrada em casos de psicose, mas também em indivíduos saudáveis, os quais não experimentaram as graves falhas do ambiente (WINNICOTT, 1983).

Entendemos que na perspectiva winnicottiana a comunicação se origina do silêncio. Há, ainda, no centro de cada indivíduo um elemento que escapa da comunicação, sendo considerado sagrado e que merece ser preservado. De acordo com Safra (2006), autor que esquadrinhou as obras de Winnicott, a solidão é apontada como subjacente em diversos momentos da história de um indivíduo.

É posto que: “há dimensões do sentido de si mesmo que jamais alcançam a comunicação, tratando-se de um núcleo isolado do self” (SAFRA, 2006, p.67). Portanto, nesse núcleo que o autor menciona há sempre a permanência da solidão ao longo do desenvolvimento maturacional. Como resultado, não há a possibilidade de nenhum gesto criativo que não parta desse estado de solidão, dessa área em si mesmo que é a ausência de comunicação e a área de silêncio (SAFRA, 2006).

### **A HERANÇA PSÍQUICA FAMILIAR: NÃO-DITO E O ESPECTRO PATOLÓGICO DO SILÊNCIO**

A discussão sobre o tema da herança psíquica entre gerações possui um importante papel neste trabalho, a fim de compreender seus efeitos no grupo familiar e na constituição de cada um dos membros familiares.

Entende-se que a transmissão psíquica não é um processo passivo, pois exige remanejamentos psíquicos frequentes que possibilitam a apropriação daquilo que foi herdado pelos membros familiares (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006).

A transmissão psíquica intergeracional tem como característica principal o contato direto entre as gerações próximas, como pais, filhos e avós, por exemplo. Nesta modalidade de transmissão, os componentes do grupo conseguem se apropriar daquilo que lhes foi herdado. Contudo, nas transmissões psíquicas transgeracionais, os conteúdos não são possíveis de serem simbolizados e transformados, geralmente estão associados a segredos, não-ditos, interditos e vivências indizíveis. Ateremos nossa discussão à transmissão psíquica transgeracional relacionando-a ao silêncio em sua dimensão não promotora de saúde familiar (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006).

De acordo com Granjon (2000), essa modalidade diz respeito a uma transmissão direta, sem laços, que não permite ao sujeito pensar e tampouco transformá-la. Essa segue a partir de repetições de acontecimentos vividos, desprovida de qualquer possibilidade modificação simbólica, até mesmo de alcance de alguma representação, tendo uma função alienante no sujeito. O aparelho psíquico grupal encontra-se, então, ausente ou com falhas constantes, repercutindo no sujeito e na interação do grupo familiar.

Sobre esse aspecto, é importante destacar como o grupo familiar se diferencia dos demais a partir de suas características específicas, como por exemplo, a partir de alianças de filiação e afiliação envolvidas em mitos originários. A família apresenta um projeto: a transmissão da herança adquirida e fundadora de cada um. Desta maneira, torna-se possível imortalizar os mortos, conservando para sempre sua identidade por meio das gerações e das alianças inconscientes (GRANJON, 2000).

A vida familiar é circunscrita por momentos de passagem, tais como nascimentos, perdas e mortes. Por conseguinte, nada escapa de ser transmitido. Nenhuma morte, nenhum delito, nenhuma culpa, nenhum segredo, sequer as cargas de culpa e vergonha podem ser esquecidos nesse processo. Assim, os acontecimentos traumáticos que irrompem na história familiar, em um dado momento, podem fazer fracassar os mecanismos psíquicos de metabolização, impedindo os sujeitos de pensarem e integrarem a história (GRANJON, 2000).

Inglez-Mazzarella (2006) enfatiza que o segredo é uma via privilegiada na transmissão psíquica, mas devemos nos atentar à

distinção das categorias que atravessam as gerações. O não-dito refere-se ao que é proibido de ser falado no seio familiar, diferentemente daquilo que é inominável que envolve a impossibilidade de simbolização. Especificamente no primeiro caso, há uma interceptação do dizer, que é algo deliberadamente decidido e que precisa ser ocultado, geralmente associado à culpa e a vergonha. Embora essas histórias não sejam verbalizadas, elas persistem nas gerações seguintes sob a forma do recalque que, vez ou outra, encontra um meio de retornar (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006). Portanto, o não-dito corresponde ao processo de proibição, ao mesmo tempo, fazer alusão àquilo que um dia pôde ser dito. Se na categoria do segredo lidamos com um conteúdo afastado da consciência pela via da censura ou do recalamento, por outro lado, há um silêncio que se trata de algo proibido de ter acesso à representação (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006).

No processo psicoterapêutico, há sempre um trabalho a ser realizado com base na herança psíquica do sujeito, pois encontram-se fragmentos não elaborados e simbolizados que são transmitidos através das gerações sob a reprodução. Então, cada sujeito possui um trabalho psíquico de organizar e elaborar o material psíquico bruto, o qual o inconsciente impõe às repetições até que penetram sejam compreendidos no tempo presente dos herdeiros (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006).

Esse é um elemento fundamental da transmissão psíquica: a infinitude de um passado que está sempre presente (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006). Em suma, na trama familiar, os segredos são compreendidos como a espinha dorsal, pois são histórias que não puderam ser verbalizadas, mas que se apresentam de forma insistente, intrigando a nova geração que deve se individualizar no meio desses enigmas familiares.

### **ANÁLISE DO FILME “O VAZIO DO DOMINGO” (2018): AS FACES DO SILÊNCIO**

Para a construção da análise do filme realizou-se o resumo da história e, em seguida, a composição de temáticas que se destacaram envolvendo o espectro do silêncio na dinâmica familiar, sendo articuladas às teorias anteriormente exploradas. Primeiramente, cabe destacar que a fotografia do filme expõe o tom da história, pois ambos se apresentam em tons sóbrios e frios, além de ter um inverno que parece imperar no espaço e no tempo entre mãe (Anabel) e filha (Chiara).

Sob essa perspectiva, o título também é um elemento que merece destaque. Originalmente, ele se chama “La enfermedad del domingo” e



foi traduzido para o português como “O vazio do domingo”. Ambos os títulos convocam o sujeito a escutar e suportar o não-dito, o qual pode ser compreendido como o vazio de palavras e afetos que o atravessam e, por vezes, é silenciado e assume sua forma precária na saúde emocional do sujeito e da família.

Pensar na fotografia do filme é relevante porque é composta por elementos que não podem ser revelados. Barthes (1984) considera que toda fotografia é silenciosa, isso porque não se trata de uma questão de descrição, mas de música, e acrescentamos: de afeto, tal qual a subjetividade o é, que só é alcançada em seu estado absoluto quando há esforço de silêncio. Como, por exemplo, ao fechar os olhos, não há nada a dizer externamente, mas há uma vida interna borbulhante para o sujeito. A fotografia cumpre, portanto, o compromisso de fazer a imagem falar no silêncio. Assim, é a partir deste último que se desvela aquilo que antes era impensável de ser revelado.

O filme não ocorre em ordem cronológica, sendo assim, não é possível assistir ao momento em que Anabel decide abandonar sua família. Tampouco é possível acompanhar a perspectiva e a memória de cada personagem, ao telespectador só resta observar e suportar a frieza de uma relação mãe e filha adormecida por 35 anos. Essa obra é construída a partir de nuances do silêncio, que apresentam Chiara com o cabelo desganhado, roupas escuras e largas, por meio da quietude da natureza.

Por sua vez, a natureza é preenchida com a beleza seca dos galhos e expõe as numerosas raízes que não se encontram mais abaixo da terra. Ela caminha por uma floresta, atravessando tais árvores, em direção a uma estrutura robusta e disforme, que se aproxima para encarar o vazio que há dentro dela. Assim, tal como os galhos despem-se de suas folhas, para que seja possível suportar a tormenta que se aproxima, Chiara também parece preparar-se para enfrentar suas próprias raízes que não podem mais ser escondidas.

Em seguida, Anabel é apresentada em uma incongruência com Chiara, pois ela tem o cabelo arrumado e roupas claras bem polidas. Mas, ao atravessar um longo corredor, o qual ostenta riqueza e simetria, Anabel vira o pé e quase cai, evidenciando que, por trás desta postura impiedosa, há uma mulher com vulnerabilidades. Surpreendentemente, para esta mãe há um reencontro com a filha, provocado por Chiara que se infiltra como garçoneite em um jantar na casa de Anabel. O silêncio, presente na comunicação, espalha tensão e ruídos, convocando a atenção de Anabel para Chiara.

Posteriormente, Anabel e Chiara se encontram em um lobby luxuoso para que possam finalmente falar após anos de silêncio. A filha pede que a mãe possa tirar os óculos escuros e observa atentamente aos detalhes da feição de Anabel que, por sua vez, se mantém séria e distante. Chiara, então, questiona a mãe: “Sua família não sabe, não é mesmo?”, Anabel desvia o olhar e responde que não. A filha segue indagando, “Nunca contou a ninguém?” e mais uma vez Anabel confirma. Chiara então afirma: “É estranho ser quase inexistente”. Aqui o espectador é apresentado à grande ferida desta relação diádica: uma mãe que tornou sua filha alguém sem existência e sentido.

Sob uma penumbra, Anabel revela ao marido, Bernabé, seu maior segredo: o abandono de sua primeira filha. Ele a questiona “Tem certeza que é ela?”, então Anabel confirma e, ao ser questionada sobre o porquê, Anabel oferece uma resposta crucial que desvela a ironia: “Porque eu me vejo nela”. Assim, é possível identificar que embora pareçam ser diferentes, elas têm muito mais em comum do que pensam.

Anabel decide também confessar este segredo a sua filha mais nova, Greta, em um jantar junto ao marido. Inicialmente, Bernabé conta apenas que a mulher se ausentará por dez dias para resolver um problema. Anabel se mantém em silêncio hesitando revelar a filha o que de fato fará durante a ausência. Greta questiona o porquê de os pais decidirem compartilhar essa informação com ela, pois nunca contam nada a ela. Em um ato de coragem, Anabel verbaliza o que há por trás da ausência. A filha irritada com essa revelação questiona: “Vocês teriam me contado se ela não tivesse aparecido?”, mas recebe o silêncio da mãe em troca.

Neste fragmento da história, identificamos a presença impregnante na interação familiar do primeiro axioma da comunicação humana: a hesitação em comunicar, mas que determina a impossibilidade de não comunicar quando se está em interação. Embora Anabel aparentasse desejar não falar, seja pelo desvio do olhar ou por meio do silêncio, alguma mensagem atravessa, produzindo algum tipo de sentido para Greta. Por consequência, é impossível negar ao outro a possibilidade de responder ou interpretar tal mensagem, uma vez que haverá uma tentativa de buscar sentidos implícitos (WATZLAWICK et al., 1976).

Greta se afasta dos pais para fumar um cigarro e Anabel a segue. Neste momento, a filha faz indagações sobre este segredo que foi guardado por tantos anos. Embora Greta desvie e retorne o olhar para sua mãe, Anabel não consegue encará-la de volta e mantém seu olhar

direcionado para a janela. A filha pergunta: “Por que vocês não se viram todo esse tempo?” e Anabel explica que a menina foi criada pelo pai. Então, Greta questiona novamente: “Você a abandonou?” e Anabel sussurra: “Sim”. Após um período de silêncio, a filha responde “Então, trate-a bem”.

Dessa maneira, o segundo axioma da comunicação nos auxilia na compreensão dessa interação. Conforme já foi descrito, ele apresenta a comunicação com base em dois níveis: conteúdo e relação. No nível da relação, a cena descrita acima envia a mensagem implícita de um funcionamento evitativo na interação familiar, ao passo que não podem se encarar e nem aos seus mundos internos.

No nível do conteúdo, conseguem falar sobre o segredo, mas ainda sim são lacônicos e indicam a resistência de genuinamente comunicarem suas vivências. Lembremos que qualquer comunicação compreende um compromisso de interação. A informação está no nível do conteúdo, mas depende do contexto relacional para ser interpretada. O silêncio tornar-se um recurso na tentativa de renunciar a comunicação, o que, por sua vez, cria uma forma de mensagem que desperta reações, formando um ciclo de retroalimentação direcionado à renúncia de metacomunicar (WATZLAWICK et al, 1976).

Inicialmente o reencontro de Anabel e Chiara é marcado por um vazio, seja pelas as regras impostas por Chiara, que bloqueiam a espontaneidade na dinâmica interacional entre ela e a mãe, ou pelos momentos de abandono da mãe, em sua casa, por dias. No primeiro jantar juntas, Chiara rejeita a companhia de Anabel para cozinhar em conjunto, mas busca durante a refeição conhecer a segunda família que Anabel construíra. Ao ser também impelida de perguntas referentes a sua história, Chiara se desqualifica. A mãe, por sua vez, ao tentar demonstrar compaixão, é afastada pela filha. Após um período de silêncio, Anabel afirma não saber os limites daquela relação.

Dessa maneira, percebemos como o segundo axioma da comunicação se apresenta em uma interação. De acordo com Watzlawick et al. (1976), a capacidade de metacomunicar diz respeito à capacidade de comunicar sobre a comunicação, quando ela assume sua forma congruente, dizendo respeito a uma relação bem-sucedida e a consciência do eu e do outro. Nesse sentido, compreendemos uma relação adoecida entre Anabel e Chiara, pois tentam enfraquecer a força do conteúdo da comunicação. Permanece silenciado o binómio ódio-amor na relação entre elas, restando apenas o que é mortífero, apesar

de a filha buscar incessantemente uma relação amorosa com a mãe. Em uma determinada cena, Chiara busca sua cadela que ficara hospedada na casa de um amigo e a leva para a floresta para sujar a si mesma e ao animal de lama para que retornem à casa, criando a ilusão de que Chiara salvara a cadela do fundo do poço.

Essa história, com contornos oníricos, parece colocar em cena o desejo de Chiara ser resgatada do poço, ser limpa da lama, recriando os primórdios de um contato sensorial mãe-bebê, inscrevendo sua subjetividade e ganhando um nome. No entanto, ainda durante a cena de limpeza da lama, ao receber o cuidado de ter seu cabelo lavado pela mãe, Chiara não consegue suportar e pede que a mãe se afaste.

Chiara parece querer reviver cenas infantis com Anabel, como ao chamar sua mãe para um festival na cidade, onde tenta compreender a origem de seu nome e brinca em um carrossel. Durante a trama, Chiara se esquiva de responder as perguntas de sua mãe, colocando-se sempre como alguém que faz perguntas, mas não as responde. Porém, por um momento, permite que a mãe se aproxime, e concorda em responder qualquer pergunta sem hesitar.

Anabel, que poderia questionar o que quisesse, manifesta o interesse de descobrir se mais alguém sabe da viagem que fez para passar os dez dias com a filha. Chiara então entende o interesse como uma questão narcísica da mãe ao desejar preservar sua imagem, ao invés de querer se aprofundar na vida da filha. Com raiva da mãe, Chiara se afasta e erotiza seu ódio, tentando dar curso a este com um homem desconhecido.

Com o transcorrer da trama, descobrimos que Anabel não é a única pessoa a guardar segredos. Chiara também guarda o seu: está enfrentando uma doença terminal. Em uma noite, ela prepara em seu quintal um retroprojeto com fotos antigas, projetando imagens de sua infância e também de Anabel com seu ex-marido, Mathieu, pai de Chiara. Durante esse momento, Anabel questiona se a filha deseja saber o porquê de ela ter ido embora, mas Chiara responde que por muito tempo desejou saber, mas que agora obter esta resposta seria indiferente. Ela indaga, então, sobre o que Anabel se lembra de ter feito antes de partir e, mais uma vez, Anabel não consegue olhar nos olhos da filha e responde que não se lembra. Chiara, então, conta que a mãe deixou a maquiagem sobre a mesa e se foi, como se tivesse pressa.

Uma determinada fotografia chama a atenção de Anabel. Trata-se de uma montagem que Chiara fizera com a mãe mais jovem grávida

dela, mas que ao lado tem Chiara adulta, na mesma idade que a mãe no período da foto. Anabel se surpreende e comenta que sua impressão é de um paradoxo temporal. Em seguida, ela começa a se sentir mal e afirma que as fotografias parecem estar tomando vida. “Deixe-as tomar”, Chiara a aconselha.

Conforme mencionado anteriormente, para Granjon (2000) a organização do momento presente, feita pelo sujeito, é passível de ser perturbada ou surpreendida, ao passo que é associada à transmissão psíquica. Nesse sentido, o trabalho psíquico de suas escolhas na vida se torna insustentável para Anabel, não suportando a necessária retomada dos três tempos: passado, presente e futuro, e a sua elaboração destes.

A fotografia do filme se volta para as grandes árvores, cujos galhos secos se balançam com o vento. Neste momento, é anunciada a chegada da tormenta, pois Chiara revela que sua finitude se aproxima. Em seguida, a cena volta a ter foco em Anabel e Chiara, onde a mãe tenta compreender se a doença da filha é o que a traz de volta e questiona se a filha deseja ser cuidada por ela. Contudo, Chiara responde: “Não dê uma de sentimental. Tenho vontade de cuspir em você”. Embora Anabel tente oferecer algum conforto ao dizer que entende a fúria da filha, Chiara afirma: “Você não entende nada. Uma mulher que abandona a filha de oito anos não entende nada. Não entende merda nenhuma”.

Pensa-se que nesta cena, o ódio pela primeira vez pôde ser legitimado, sendo verbalizado, sentido e encarado pelas duas. Tomada pelo ódio e desespero, Chiara arremessa uma xícara no rosto de Anabel, que faz um corte superficial e sangra. Ao se deparar com as consequências, Chiara começa a pedir perdão e questiona sobre o que deve ser feito para a reparação do “corte” e do “sangramento”. Anabel, sem retaliação, apresenta-se como uma mãe que ensina sua filha a cuidar, continente do próprio ódio, oferecendo condições de ser capaz de reparar a destrutividade, pois o caminho para o amor é a capacidade de reparação via o cuidado do ódio (FIGUEIREDO, 2009).

É possível identificar que Chiara vivenciou graves falhas do ambiente durante a sua infância. Nesse sentido, percebemos que ela sofreu uma ruptura na constituição do seu verdadeiro self. Como apresentado antes, Winnicott (1983) descreve que o sujeito que vivenciara falhas de maternagem, não pode verdadeiramente se comunicar e nem alcançar a capacidade de ficar só. Com efeito, sendo necessária a clivagem do self, protegendo-se defensivamente na criação de um falso self patológico.

À história, é possível articular a afirmação de Winnicott (1983) sobre a “capacidade para estar só” ser um paradoxo, pois só é possível alcançá-

la na presença do outro. O referido autor se serve das postulações de Melanie Klein para sublinhar que é esperado a internalização do objeto bom na realidade psíquica, a partir de uma relação primária satisfatória. Assim, somente a partir desta que é possível entender o sujeito tendo a experiência íntima de solidão.

Embora tenha um efeito temporário, Chiara e Anabel dão início à mudança na maneira como se relacionam. Em outra cena, Anabel está no jardim plantando campânulas e Chiara se aproxima, intrigada com essa atitude, questiona se a mãe virá regá-las todos os dias, ao que Anabel responde: “Não precisam de muito cuidado neste clima”. Chiara então afirma não gostar de flores, mas Anabel rebate “São fortes. Sobrevivem em terrenos hostis”. Uma boa analogia nesse momento para pensar a relação que mãe e filha estavam construindo, pois ambas sobreviviam a destrutividade uma da outra, arduamente seguiam tentando semear, em meio a tormenta, algo que poderia florescer.

Contudo, Chiara pede a mãe para ir embora, o que é sentido por Anabel como uma afronta, pois ainda não entendera o real motivo de ter sido convidada a retornar ao sul da França para ficar dez dias com a filha. Anabel revela que sabe a dor que Chiara sente e quanto tempo lhe resta de vida e Chiara afirma: “Viu? Não deveria ter plantado flores”. Entendemos, então, que ela negava o desejo de introjetar uma relação objetal mãe-filha amorosa.

Anabel é dotada de uma voracidade que não se cessa e isso é apresentado a partir de sua insistência de descobrir o que verdadeiramente Chiara espera dela. Assim, em meio a uma nova ventania, Chiara revela o porquê em segredo ao pé de ouvido da mãe e o som das palavras não é ouvido pelo espectador. A revelação da verdade ocorre no silêncio da intimidade entre elas. Porém, sabemos depois que Chiara não suporta mais a vida dolorosa da enfermidade terminal, desejando que Anabel a leve até um rio próximo e a afogue até morrer.

Anabel viaja até Paris com o propósito de reencontrar seu ex-marido, Mathieu, para conversarem sobre o pedido de Chiara. Inicialmente, o casal se provoca em relação ao passado que tiveram juntos, até que Anabel questiona: “Guarda rancor de mim?” Mathieu responde que não. Em sequência, Anabel pergunta o porquê e ele a responde que o rancor se transformou em uma “lembrança imóvel” e explica que “algumas lembranças se movem e nos ajudam a viver. Outras... ficam estagnadas. São muito poderosas, se não as puser em movimento de novo, elas o perturbam”. Mathieu respondeu a Anabel que sabia sobre o desejo da filha e que se propôs ajudá-la, mas que Chiara o recusou.

Entendemos que esse diálogo ilustra o que postula Granjon (2000), um evento traumático pode desordenar e até inviabilizar o processo da integração psíquica do sujeito, pois o trauma cria lacunas na psique. Em consonância, Inglez-Mazzarella (2006) indica que há uma tarefa paradoxal: é necessário dar representação ao que é irrepresentável. De acordo com a autora, o sujeito voltará a se deparar, repetidas vezes, em seu “núcleo duro” das coisas, sendo a palavra insuficiente para expressar o que se passa.

Anabel afirma ter ido embora do núcleo familiar porque queria mais. Sendo questionada por Mathieu se havia conseguido, ela responde que sim, mas percebe que nunca sente que suas conquistas sejam suficientes, sendo uma experiência emocional cansativa. Mathieu compreende seu sofrimento e afirma que todos possuem o direito de descansar. Para Safra (2006), o núcleo isolado do self, trata-se de dimensões de si mesmo que jamais alcançam a comunicação. Nesse sentido, é abordado como um lugar central e de solidão e, quando violado, é percebido pelo sujeito como uma das maiores angústias. Portanto, a solidão é fundamental a partir do silêncio para que o sujeito possa repousar e dormir. Cria-se o paradoxo: o descanso é retornar à presença do outro em silêncio. Anabel jamais conseguiu descansar e isso é percebido por ela com voracidade e violência, embora seja contido por sua organização defensiva.

A cena final do filme apresenta Chiara deitada no chão, com o rosto pálido e bochechas marcadas, indicando o agravamento do quadro clínico. Anabel retornou para encontrar sua filha e, assustada com o que vê, tenta levá-la para ir para casa, mas Chiara já está cansada demais. Assim, Anabel a coloca em um carrinho de mão e juntas atravessam a mesma floresta da cena inicial, até que chegam ao rio. Numa atualização das cenas mais primitivas de um sujeito, neste momento, Anabel despe-se de suas roupas e da vaidade, assim como Chiara despe-se das suas e agarra-se ao colo da mãe.

Chiara parece reatualizar a memória do cheiro e do toque que sustenta o desamparo da condição de ser dos primórdios. Chiara a chama de mãe e Anabel pergunta “O que foi, filha?” e ela responde “Eu entendo.”, “O quê?” “Tudo”. Assim, juntas, enfrentam a água fria do rio que embala a morte de Chiara, que diz já não ter mais medo da morte. Nessa cena descrita, Anabel e Chiara puderam experimentar o silêncio repousante, no qual mãe e filha puderam estar só, mas genuinamente conectadas pela presença uma da outra.

Puget (2015) nos ajuda a pensar o último diálogo de Anabel e Chiara. A autora diferencia dois modos de pensamento: o pensar “a partir

de um” e o pensar “com dois”. O primeiro caso refere-se a um produto criado pelo processo de pensar a partir de um diálogo interno com a representações de eu e do não-eu. Em outras palavras, corresponde à ideia de recuperar um ausente, o transformando em um “presente-ausente”. Durante toda sua vida, Chiara pagou um preço alto por tentar manter sua mãe ausente presente em sua psique, criando diálogos internos, os quais a devem ter ajudado a desenvolver seu plano de contato com a mãe.

O segundo modo de pensamento diz respeito a um “pensar com”, que fala sobre estar na presença de alguém, podendo vivenciar a profunda solidão da condição humana e, simultaneamente, um estado de intimidade (PUGET, 2015). Na cena final, por exemplo, foi instaurada uma atemporalidade, na qual passado e presente parecem fundidos. Anabel acompanha oferecendo um colo a Chiara, bebê/terminal, em um estado sem palavras de quietude e intimidade. Esse estado, de estar só acompanhado de outro, é preenchido pelo silêncio de ambas. Portanto, há um silêncio sobre a morte que tenta viabilizar algum tipo de vida na relação e da preservação do núcleo genuíno do self.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da complexidade que envolve o fenômeno do silêncio nas interações humanas, este trabalho teve como objetivo discutir seus variados significados na interação familiar. Inicialmente, foi realizada a revisão de literatura no campo da psicoterapia de família em suas abordagens sistêmicas e psicanalíticas. Para alcançar o objetivo proposto, discorreu-se sobre as premissas do pensamento sistêmico para analisar a pragmática da comunicação humana, permeada pelo silêncio como fuga da comunicação, abrangendo os dois primeiros axiomas da teoria da comunicação.

Em seguida, apresentou-se a construção da subjetividade salutar a partir do silêncio, fundamentado na teoria de Winnicott (1983), que propõe pensar a constituição psíquica a partir de uma intercomunicação sensível e uma dependência para se alcançar a maturidade relativa. Posteriormente, foi discutido a noção de transmissão psíquica do segredo, considerando-o como o viés patológico do silêncio estabelecido nas relações familiares. Em última análise, foi analisado o filme “Vazio de domingo” (2018), dirigido por Ramón Salázar, o qual serviu como ilustração para a discussão teórica, com a finalidade construir uma análise sobre as diversas faces do silêncio nas interações familiares, a partir das vivências das personagens Anabel e Chiara.



Tal ilustração nos ajudou a refletir sobre as manifestações do silêncio presente na interação entre os membros familiares e as vicissitudes desse fenômeno na subjetivação do sujeito. A discussão do filme também foi um convite para compreender a possibilidade da potência do ato de silenciar, ocupando a condição de contato com nós mesmos e uma melhor compreensão de que o aparente vazio nos revela uma imensidão de elementos afetivos intersubjetivos.

Nesse sentido, atenta-se para a necessidade dos profissionais que trabalham no campo das interações familiares identificarem as facetas do silêncio e dedicarem-se a compreender o que ele representa para o grupo. A linguagem verbal pode se apresentar insuficiente para representar o mundo interno do sujeito e da qualidade das relações, e, assim. O filme retrata uma história em que o silêncio opera no tempo e no espaço, paralisando a história de Anabel e Chiara. À luz dessa percepção, foi possível identificarmos as múltiplas faces do espectro do silêncio. Em um dos polos, há um silêncio repousante, o qual só é possível na experiência compartilhada com o outro, desvelando o ápice da intimidade humana e que permite ao sujeito escutar seu mundo interno acompanhado da presença do outro. Em outro polo, há a precariedade emocional no vínculo entre os membros familiares, havendo um silêncio que perturba, criando perguntas impossibilitadas de obter respostas. Não obstante, a partir da investigação realizada, entendemos que seria interessante desenvolver estudos futuros tecendo reflexões sociais e culturais sobre o lugar do silêncio.

## REFERÊNCIAS

ANDOLFI, Maurizio. **Terapia familiar: un enfoque interaccional**. 2 ed. Barcelona: Paidós, 1991.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRAUN, Virginia. & CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v.3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CALIL, V. L. L. **Terapia familiar e de casal**. São Paulo: Summus, 1987.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha., Mello, Renata., Machado, Rebeca Nonato., & Magalhães, Andrea Seixas. Falhas na Comunicação: Queixas Secundárias para Demandas Primárias em Psicoterapia de Família. **Trends in Psychology** [online], 25, 1773-1783. Doi: <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-13Pt.>, 2017.

FIGUEIREDO, Luís. Cláudio. As diversas faces do cuidar: considerações sobre a clínica

e a cultura. In M. S., Maia (org.). **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GRANJON, E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In: CORREA, Olga Ruiz (Org.). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000.

INGLEZ-MAZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro**: a transmissão psíquica entre gerações. (56-146). São Paulo: Escuta, 2006.

MELLO, Renata Machado de FÉRES-CARNEIRO, Terezinha e Magalhães, Andrea Seixas. **Trauma, clivagem e progressão intelectual: um estudo sobre o bebê sábio ferencziano** 1 Apoio e financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Psicologia em Estudo* [online]. 2019, v. 24 [Acessado 8 Junho 2022] , e45390. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.45390>>. Epub 20 Dez 2019. ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.45390>.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes: conceitos e metodologia(s)**. Atas do VI Congresso da Sopcom, abr. 2009.

PUGET, Janine. Pensar, conocer-re-conocer. In: PUGET, Janine. **Subjetivación discontinua y psicoanálisis: incertidumbre y certezas**. (43-62). Buenos Aires: Lugar Editorial, 2015.

SAFRA, Gilberto. **Desvelando a memória do humano**: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio. (64-79). São Paulo: Sobornost, 2006.

WATZLAWICK, Paul. BEAVIN, Janet Helmick. JACKSON Don D. **Pragmática da comunicação humana**: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos de interação. (44-65). São Paulo: Cultrix, 1967.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas**: Memória do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. Rio de Janeiro: Imago, 2000. 1949.

Recebido em: 08/06/2022

Aceite em: 15/06/2022